



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Casa da Gaiato do Pôrto
PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

UM HUMILDE PARECER

NOTA DA QUINZENA

TEMOS sob as nossas telhas, dois pequeninos na casa dos quatro, os quais fomos topar cada um em seu tugúrio, sequestrados, victimas pequeninas de grandes tratos. As histórias destes dois inocentes, têm fundo de semelhança. São mulheres que dão á luz, e depois se encontram muito embaraçadas, por isso mesmo confiam a criança a outras mulheres, com a promessa de um tanto por mês,—e desaparecem.

A mulher que aceita as condições e recebe o engeitado, é tão miserável como quem faz a entrega. Se a vida era já um fardo, agora é fardo maior. Como a pensão nunca mais chega, começa o *pensionista* a ser aborrecido e depois um indesejável.

Eram ambas farrapeiras da viela, as duas que contrataram. Deixavam os pequeninos em casa e saíam para a rua todo o dia, a apañhar cisco.

Chamá-los á vida, foi o primeiro cuidado das nossas governantes. Nunca haviam comido nada feito ao lume. Não conheciam nem sabiam os nomes das coisas. Duas monstruosidades.

Não venho apedrejar aqui as pecadoras que entregaram seus filhos, muito menos as mulheres que os tomaram. Quem não tiver pecados que o faça.

De uma vez, *naquele tempo*, quizeram apedrejar uma certa mulher casada, surpreendida em adultério, como a lei mandava que fôsse. O Mestre estava ao pé. Olhou em redor. Escreveu na areia. Não viu ali o homem que a fêz cair. Quem sabe se não teria sido um dos próprios acusadores! Talvez por isso mesmo ninguém arremessou o calhau!

—Ninguém te condenou, mulher?
—Não, Senhor!

A lição do Evangelho convidamos a usar de misericórdia, sim, mas de maneira nenhuma ensina que cruzemos os braços e deixemos

correr. É necessário começar-se a fazer algo para atenuar o mal, uma vez que se não pode eliminar totalmente. As nossas Rodas, provaram ser remédio falso. Davam facilidades; estimulavam. As Creches mai-los Ninhos em nossos dias, são parentes das ditas. Orfanatos, Recolhimentos, Asilos, Reformatórios, sentam infinitas creanças á mesa do Estado, que deviam ser encargo dos chamados pais incógnitos, por justiça.

Obras de Assistência Particular, nem sempre se podem defender do *menino que não tem culpa*, e nada podem conseguir em chamar á pedra as pessoas que a têm toda.

Ele é muito difícil resolver problemas de ordem social, sim. Mas têm-se feito coisas tam espantosas, usado a prata da casa com tamanho acêrto, tirado da própria Nação recursos até agora ignorados. Tanto melhor pode amar e apreciar hoje os factos, quem sofreu longe da Pátria a vergonha de ser português. Eu fui um deles. No meu desgostoso silêncio, maldizia a hora em que governantes de então, expunham os seus irmãos a tão maus bocados.

De uma vez, para citar só um caso dos de todos os dias, chorei de vergonha num pôrto do Oriente, ao ver um barco do Estado ser embargado e penhorado, como qualquer homensinho de má nota que não paga as suas dívidas!

E o barco do Estado não saiu sem pagar!

As provas negativas também demonstram. Por aquilo que se não fêz ou se fêz mal, melhor podemos avaliar quanto hoje se tem feito. Pois que tornamos a ser no mundo homens de grandes feitos, não seria possível aos estudiosos do assunto, tentar resolver o problema na medida do possível?

Uma lei simples, severa, eficaz. Lei da alçada do Regedor e a *vox populi* por testemunha. Tornar responsáveis o homem e a mulher, aquêle em primeiro lugar, por ser a parte mais forte. Os passos que êles viessem a dar e sacrificios que

sufressem, seriam por si mesmo reparação adequada.

Vivi muitos anos da minha vida em uma comunidade britânica, algures no mundo. Era um poderoso organismo (e ainda é) de comércio, agricultura e navegação.

Um meu companheiro de casa e colega de trabalho, descontava 56 shellings por mês por danos causados. A lei defende a mulher. O homem aceita e repara. Até á idade dos catorze, o fructo do pecado é da responsabilidade do pai, que a lei faz conhecer. A pensão é maior na infância e vai diminuindo, até cessar aos quinze anos.

Não vamos daqui inferir que nas terras de Sua Magestade Britânica acabou a prostituição, mas dá-se fé do mal e trabalha-se activamente para a diminuir.

É já uma satisfação á justiça o procurar fazer justiça.

Ora da mesma sorte, neste delicioso cantinho da Europa, não iríamos seguramente fazer limpeza total. Quem pode impedir o Mal? Mas afigura-se-me que com uma penada de mestre, poderíamos, sim, fazer um caso sério do que hoje se toma por galhofa: «que importa, ninguém nos pede contas»... Podíamos, sim.

Já em Coimbra, mas agora muito mais no Pôrto, possivelmente por causa do Jornal, recebo mais vezes cartas dos chamados avançados, onde descrevem seus tenebrosos programas e declaram que vai acabar a prostituição, o jôgo, a miséria e coisas assim. Ora tem graça que eu trabalho justamente para isso, com a firme convicção de que nenhum desses males acabam nunca. Não acaba a miséria no mundo. Não acaba a prostituição. Não acaba o jôgo. As tabernas não acabam. Da mesma sorte a usura. Estranha missão a de um homem, que se propõe dar o sangue das veias e anda na liça de destruir aquilo mesmo que não sofre destruição: *Há-de haver sempre escândalos no mundo, mas ai daquêles por quem os escândalos vierem*. Ora é precisamente por amor dos escandalosos que eu trabalho. Tal-

A quando da minha volta pelas Termas do Vidago, esliantou se muito o facto de haver ali colhido 10 contos de reis, nos quatro hotéis onde fui dar. *Sim, senhor, muito dinheiro, padre*, dizia se á bôca cheia.

Sim, muito dinheiro na verdade. Ninguém mais do que eu o estima, avalia e agradece. Porém êste muito dinheiro colocado ao pé das somas reais que eu gasto, fica imensamente diminuído. Vamos ao caso concreto das Termas de Vidago. No momento em que eu chego a casa com aquela soma na algebeira encontro sobre a minha mesa de trabalho a fôra do pagamento da quinzena: 86 operários, 14 contos.

Até aqui, tem sido precisamente o dôbro daqueles algarismos.

Desde Maio do ano passado a Maio dêste, gastei nas construções da nossa *aldeia* 1.160 contos. Sem dizer nada da manutenção das casas de Miranda e de Paço-de-Sousa, onde 22 animais roedores, riham impledosamente quatro vezes ao dia. Não peço dinheiro nenhum a ninguém pelos pequeninos que habitam nas nossas casas. Não tenho subsídios certos de ninguém. Tenho apenas mil e quinhentos escudos mensais, de um organismo social. Certos apenas 1.500\$00, repito. Mais. A obra que está em curso, custa uns nove mil contos, abatendo a essa soma os mil e tal que já me deram.

Ora é necessário que o mundo não pisme do que me dão: *eh! tanto dinheiro*; mas sim que se aflija com o que me falta. É só a fome e sede de justiça que eu tenho, que me leva por essas praias e termas a mostrar a minha chapa de mendigo, só isso. Não me sinto por isso infeliz, mas o mundo seria mais avisado se me tirasse a chapa do peito. Afora as duas colossais ofertas da capela e da enfermaria, edificios que actualmente ocupam os operários, tirante êsses dois rasgos, digo, houve somente, até á data uma oferta de critério. Um senhor ouve, compreende, rapa de um livro de cheques, escreve 30 contos, e—*tome lá*.

Não me queixo de ninguém, mas gostava que Portugal ouvisse, compreendesse e rapasse dum amplo e generoso *aqui tem*.

vez êles escutem, vejam, sintam e comecem a duvidar. A dúvida é o princípio da curiosidade. Esta o desejo de saber.

É do coração do homem que sai a luxúria, a avareza, o roubo, as rixas. A tal ponto que somente pela destruição daquêle, se podem destruir êstes males.

Senhor dos Céus para quem eu vivo; se fôr necessário dar o peito ás balas por amor destas verdades, que são a Vossa Palavra, não dou licença, a ninguém de ir á frente. Quero ser eu o primeiro.

Noticias Diversas

PARABENS

SEMEAMOS um nabal de meio hectare. Já tínhamos outro mais temporão, a dar nabicas. Tivemos um outro que as deu em Julho.

Somos nós, são as galinhas, são as vacas, são os pombos, são os porcos, — tudo está actualmente em dieta de nabicas, até chegarem os nabos.

UMA das grandes dificuldades que experimentamos dentro das nossas casas, consiste no deitar água na fervura das rixas, que a toda a hora se levantam; sobretudo quando calha termos grupos de irmãos, como agora sucede com 3 de Abrantes, 3 de Lisboa, 2 de Elvas. Eles tomam as dores uns dos outros, e levam as coisas ao rubro: —

—O' coiso não toques no meu irmão!
A um dos do grupo da capital, que é de todos o mais pimpão, ouvi eu exclamar: —O meu irmão parte as ventas a quem se meter com ele!
Mas não parte. Cão que ladra, não morde.

ONTEM ia aqui havendo uma grande trapalhada. Foi o caso que o Domingos refeiteiro, como ouviu uma galinha a cantar na capoeira, larga a obrigação e salta à procura do ovo. Ao mesmo tempo e para o mesmo fim, aparece o Zézito de Oliveira de Azemeis, o das capoeiras.

Quando entrou no que é seu, já o Domingos estava com dois ovos na mão: *olha que grandes*
—Larga que são meus.
—Não largo.
Se não fôsse o ter alguém acudido a tempo, tínhamos ovos mexidos na capoeira!

O Sérgio, afinal, não chegou a comprar a vaca na feira dos 24 em Penafiel, mas comprou-a no 1.º de Paredes. Chegou à tardinha. O animal foi muito admirado pela sociedade, que estava justamente a merendar fatias de melão. Temos agora uma junta de bois amarelos, mais uma junta dos ditos, mais uma vaca, e mais outra, e mais outra, todas em vés peras de desdobrar. Temos um toiro de um ano. Temos um rebanho de ovelhas. Temos pombas. Temos galinhas. Temos

perus. Temos três grandes porcos. Temos dois gatos. Temos um cão. Temos uma data de coelhos e disse. Já tivemos muitos ratos e muitos morcegos e muitas aranhas com suas teias, mas foi quando tomamos conta. Agora não.

O Pôrto anda com os olhos vermelhos, das bagadas que tem chorado, por não ter ido vender o jornal, êle que é um az da venda.

Mas foi por não ter dado conta de um sapato. Tinha um par. Cada um tem o seu. São todos obrigados a zelar as suas coisas. O Pôrto descuidou-se? Pois eis a sua triste sorte. Viu os outros partir e ficou a escarafunchar.

Outros têm sofrido tremendos castigos por faltas análogas. O Amadeu, o dos talheres, esteve uma semana sem recreio por ter dado sumiço a uma faca. Sucede o mesmo aos cozinheiros, com muita frequência, por coisas que êles perdem. Não é nada fácil comandar esta tropa—nadinha.

A nossa vindima das uvas brancas, foi ontem. Era o Pepe, e era o Zé Maria de Sinfaes, e era o Maximiano de Abrantes, e era o Celorico e mais três do Pôrto. Nesse dia houve carta branca; todos tinham autorização de comer até lhes chegar o do dedo. Em consequência, o refeiteiro foi muito pouco animado, e falto de interesse à hora das refeições. A' noite, pisaram.

O João Maria da Murtosa já diz menos vezes coisas feias. O Tiro-liro ofereceu-se para o corrigir, enquanto o antigo malcreado o auxilia na limpeza da portaria, obrigação que lhe foi cometida após o seu estágio de hóspede. Mas o João Maria não está curado. De vez em quando descamba e é chamado a contas:
—Tu sabes o que é pimenta?
—Sei sim senhor.
—Tu sabes para que ela serve?
—Sei. E' para botar nas enguias.
—Pois é sim, mas aqui em casa, por não haver enguias, é para botar na língua dos malcreados como tu.

O nosso Augusto, não levou a bom termo a incumbência de ensinar o Filipe do Seixal. Ou seja que o aluno aborreceu o mestre, ou este aquele, o certo é que não continuaram as lições. Foi então que surgiu espontaneamente o Rio Tinto. A' recitação do nosso terço, em comum, este senta-se muito à beirinha do Filipe e sopra-lhe aos ouvidos as orações. E' mesmo o sentido por onde a fé entra; se o pequenino nunca ouviu, como havia de acreditar? E como ouviria, sem alguém que lhe falasse? De onde se conclue que o Rio Tinto é um pequenino apóstolo.

O nosso Constantino tem estado de cama com caldos de galinha e enfermeiro à cabeceira. O qual enfermeiro é o Oscar, efectivo, e o Augusto, supra. Sem falar nas visitas dos amigos, que seriam segunda doença, se não fôsem muito vigiados!

ANDAMOS actualmente ocupados a bater os arcos das pipas para a vindima grande,—a derradeira. Os rapazes andam a dar as despedidas aos cachos. Temos ainda 4 pipas de vinho do ano passado, sem dizer nada da meia pipa que se mandou para a casa de Miranda.

O nosso Carlos, o cozinheiro-chefe, vai progredindo no amor ao asseio, mas não era nada assim. Não gostava de lavar a cara. Foi preciso pôr um fachuca com a obrigação de lh'a cheirar todos os dias de manhã, ao entrar na cozinha. Só começava o trabalho depois de haver a certeza:

—Cheira a sabão, minha senhora.
Uma das nossas muitas dificuldades, é incutir nesta sorte de rapazes, amor ao asseio. Leva tempo a afazê-los a roupa lavada. Procuram deitar-se vestidos.

O Rio Tinto anda a praticar para ser o nosso barbeiro. A primeira vítima foi o Lisboa, com grande lanho.
—Olhe o que me fez o Rio Tinto!

Vem aí o mês de Outubro em cujo signo vieram à luz alguns dos nossos felizes habitantes.

São êles os dois irmãos Fernando e Valdemar, ambos de S. João da Madeira, o primeiro com 7 anos, no dia 20, e o segundo com 10 anos, no dia 2. Temos o José Eduardo do Pôrto, o secretário da nossa Conferência dos Pobres e um actual visitador dêles, que nasceu a 2 de Outubro do ano de 1933. E' uma das nossas mais irrequeitadas creanças. Temos o Manuel de Santa Marta de Penaguião, que alguém "achou" nas ruas do Pôrto, e por aturadas informações, descobriu-se ter vindo à luz no dia 20 de Outubro de 1938. Temos o Lourenço, encontrado no entulho da Banharia, de quem se apurou mais tarde, ter nascido em um hospital aos 19 de Outubro (oh nome! oh data!) do ano de 1934; e temos muitos dêles, que hão-de guardar no peito, pela vida além, a desconsolada incógnita da sua origem!

Os nossos leem esta notícia, comentam a seu modo, ficam sabendo que fazem anos. Os mais finórios guardam a data na memória. Chegado o dia, perguntam ao que vai buscar o correio:
—Olha lá; vem alguma coisa para mim?

O Júlio já foi castigado, por ter abusado do posto que ocupa e comunicar à malta as notícias do correio. O qual castigo consistiu na ameaça de que não iria estudar, se continuasse a dar à língua. Agora com medo, não dá pio, e sucede que os mais curiosos veem até junto de mim, num meigo entusiasmo:
—Ande, digal!

ESTE NÚMERO DE
"O GAIATO"
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Fala uma vocação Missionária

saída do Reformatório de Caxias

Rev. Snr. Padre Adriano.

Espero que esta minha missiva, o vá encontrar de perfeita e feliz saúde, assim como também ao Rev. Pai Américo, e a todos os que vivem no Lar.

Snr. Padre Adriano; cá vou seguindo a passos lentos e cheio de resignação o caminho do cárvorio, tendo sempre na mente as palavras eternas «A vida do homem é breve e cheia de misérias».

E de facto assim é.
Dou graças a Deus de me ter chamado a esta vocação, porque é nos retiros mensais que nós temos, que eu vejo e compreendo o valor destas palavras!...

Se hoje estou em graça de Deus, e se sou feliz no meio desta comunidade, devo a Vossas Rev.as e ao Snr. Herlander.

Desde já termino desejando dar por intermédio de Vossa Rev.a recomendações a todos do Lar, especialmente ao Filipino Martins e ao Snr. Hernani.

Humilde servo,

Manuel da Silva Simões.

ASSINATURAS PAGAS

O número dos setecentos que ainda não tinham pago, está muito diminuto e espera-se que desapareça totalmente. Os nomes hão-de derreter-se à evidência da obra, como as pedras de gelo, aos raios do sol. As tuas lágrimas são penhor.

A obra da Rua é alimento dos que sofrem e são legião, no mundo, os que vivem a sofrer. A sofrer por bem. A sofrer por amor da justiça. A sofrer activamente. Heroísmo da Cruz, que não filosofia de pessimistas. Não há nada no mundo que mais levante o homem, do que o sofrimento próprio ou a compaixão do alheio. Ora aí fica o *sermão* aos assinantes. Por êle não levo nada, pois que nada vale. Nem sequer tem latim. Mas pelas assinaturas sim. Espero que pagues generosamente, como fizeram o...

P.º Manuel Barbosa Pereira, de Gondomar, 30\$; Arlindo Correia Garcia Fernandes do Pôrto, 30\$; P.º João de Freitas de Caldelas, 30\$; José da Costa Miguens do Pôrto, 30\$; Maria Frederico Branca de Abreu do Pôrto, 30\$; Maria da Soledade Pinho e Sousa da Arrentela, 30\$; Manuel Pinto da Silva do Funchal, 30\$; Manuel Francisco Carrapa de Gaia, 30\$; Baronesa de Fonte Bella de Ponta Delgada, 50\$; António Borges de Lisboa, 50\$; Joaquim Pacheco Moreira de Lisboa, 20\$; Dr. Gaspar Pinto da Silva de Ermesinde 100\$; Maria Emanuella Nápoles Freire de Oliveira do Conde, 50\$; Maria Manuela Padilha Simões Lopes de Coimbra, 25\$; Arménio António Cardo de Coimbra, 25\$; Maria Guilhermina Laroche Semedo de Lisboa, 20\$; Maria da Fonseca do Pôrto, 20\$; Bernardino dos Santos de Lisboa, 20\$; António Russel de Sousa do Pôrto, 50\$; Maria Eduarda C. P. Cunhal de Montemor-o-Novo, 100\$; Laura de Castro Carrão de Espinho, 20\$;

Brites Coutinho de Espinho, 20\$; Francisco Valente Ruela da Murtosa, 20\$; Helena Vieira de Sousa de Favaio, 50\$; Jorge Lopes do Pôrto, 50\$; Maria Teresa da Costa de Aveiro, 25\$; Adelaide Vaz Pinto do Couto de Cucujães, 20\$; Adriano Vieira Lima de Coimbra, 50\$; Alfredo Augusto Cepeda do Pôrto, 50\$; Henrique Morais David de Lisboa, 100\$; Abade de Baltar, 25\$; Dr. Octávio Dias Garcia de Caminha, 20\$; Maria Luzitana Barata Garcia de V. N. do Ceira, 25\$; Joaquim Paulo Poiars do Pôrto, 20\$; Manuel Fernandes da Silva de Febrés, 20\$; Aurélio de Pinho e Costa de Oliveira de Azemeis, 20\$; José Simões Travassos de Lisboa, 25\$00.

Avelino Menezes Pinto Viana do Pôrto, 20\$; Maria do Carmo de Gusmão de Francelos, 50\$; Maria Aurélia de Sousa Pires de Montemor-o-Velho, 40\$; Eduarda Simões Ferreira de Tábua, 50\$; Pároco da Maiorca de Figueira da Foz, 50\$; Rodrigo Lage de Aguas Santas, 100\$; Viscondessa de Roboredo, 30\$; Ricardo de Sousa Neves do Pôrto, 50\$; Dr. José de Oliveira Baptista de Tomar, 30\$; Manuel da Costa Cunha e Sá de Lisboa, 20\$; Sapataria Danilo do Pôrto, 50\$; P.º Manuel Pereira da Silva de Fátima, 100\$; Maria Jesuina Gonçalves de S. Braz de Alportel, 10\$; Maria Helena de Oliveira e Sousa por 1 trimestre de S. Braz de Alportel, 10\$; Jaime Pignatelli Fabião de Seia 24\$; Alberto Marques de Castro de Seia por 1 trimestre 75\$; António Augusto dos Santos de Seia por 1 trimestre, 75\$; Marlette Pavão Bandeira de Coimbra, por 1 trimestre, 15\$; Maria da Piedade Azevedo de Cardigos, 30\$; David Bento Ferreira Araújo de Mesão-Frio, 30\$; Maria Joana Reis Malta de Montemor-o-Novo, 30\$; António Lobo Vaz Patto de Lisboa, 50\$; Dr. António Vaz Patto de Galizes 50\$; Maria da Conceição Oliveira Gomes de Braga, 20\$; Farmácia Confiança

de Paredes, 20\$; José Rufino de Alijó, António Rufin, Maria Rufino Bastos do Pôrto, Manuel Teixeira Correia, Torcato Ribeiro, Dr. Luiz César Ferreira, e Irmão do Hospital de Alijó, todos de Alijó e pagaram 10\$, por 1 trimestre cada um, Fernando José de Figueiredo Vasão de Alcobaca, 10\$; Maria Preciosa Pombeiro do Pôrto, 20\$; Fernando Pinto da Cruz de Famalicão, 20\$00.

Maria Carolina Vasconcelos de V. Boa de Quires, Eduarda Figueira de Valongo, 20\$; Joaquim Cruz de Valongo, 20\$; António Castanheira Martins do Pôrto, 50\$; Maria de Sousa Loureiro Reboredo de Vizeu, 20\$; Maria Filomena Leite da Mota de Venda do Campo, 20\$; M. de Portugal Branco de Lisboa, 30\$; António da Silva Veiga de Loure, 50\$; P.º Manuel Evangelista Camarinha de Figueira da Foz, 40\$; Arcipreste de Mortágua, 30\$; Cecília Francelina Gomes de Abreu Marques e Oliveira de Tomar, 20\$; João do Rio Bizarro Teles de Ilhavo, 20\$; António de Queiroz e Melo de Tomar, 40\$; Mário Baptista Pereira de V. N. de Ourém, 22\$; Maria Ester Pereira de V. N. de Ourém, 50\$; Lídia Fernandes de S. João da Madeira, 20\$; Luiz Sousa Simões de V. N. de Ourém pagou 2 anos, 50\$; Helena Simões Alves Vieira de Coimbra, 20\$; Teodoro da Silva Santos do Pôrto, 20\$; Rodolfo Barroca do Pôrto, 30\$; João Abrantes Ferreira de Penafiel, 30\$; António de Sousa Neves de Rio Tinto, 30\$; João António da Silva Saraiva de Seia pagou 1 trimestre, 10\$; Ana Emilia de Sousa Botelho do Pôrto, 50\$; Manuel Rodrigues da Silva Veiga de Alcanena, 40\$; Dr. Armando Ramos Fontainhas de Monção, 50\$; Dr. Joaquim Alves Martins de Santarém, 20\$; António de Melo de Lisboa, 20\$; Rafael de Freitas de Alvaizere, 50\$; Henrique de Mesquita de Coimbra, 40\$; P.º Francisco da Fonseca Antunes de Figueira da Foz, 50\$00.

Júlio Espirito...
Vem aí o mês de Outubro...
São êles os dois irmãos Fernando e Valdemar...
O nosso Augusto...
O nosso Constantino...
ANDAMOS actualmente ocupados...
O nosso Carlos...
A' noite, pisaram...
O João Maria...
O Rio Tinto...
ESTE NÚMERO DE "O GAIATO" FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
ASSINATURAS PAGAS
de Paredes, 20\$; José Rufino de Alijó, António Rufin, Maria Rufino Bastos do Pôrto, Manuel Teixeira Correia, Torcato Ribeiro, Dr. Luiz César Ferreira, e Irmão do Hospital de Alijó, todos de Alijó e pagaram 10\$, por 1 trimestre cada um, Fernando José de Figueiredo Vasão de Alcobaca, 10\$; Maria Preciosa Pombeiro do Pôrto, 20\$; Fernando Pinto da Cruz de Famalicão, 20\$00.
Maria Carolina Vasconcelos de V. Boa de Quires, Eduarda Figueira de Valongo, 20\$; Joaquim Cruz de Valongo, 20\$; António Castanheira Martins do Pôrto, 50\$; Maria de Sousa Loureiro Reboredo de Vizeu, 20\$; Maria Filomena Leite da Mota de Venda do Campo, 20\$; M. de Portugal Branco de Lisboa, 30\$; António da Silva Veiga de Loure, 50\$; P.º Manuel Evangelista Camarinha de Figueira da Foz, 40\$; Arcipreste de Mortágua, 30\$; Cecília Francelina Gomes de Abreu Marques e Oliveira de Tomar, 20\$; João do Rio Bizarro Teles de Ilhavo, 20\$; António de Queiroz e Melo de Tomar, 40\$; Mário Baptista Pereira de V. N. de Ourém, 22\$; Maria Ester Pereira de V. N. de Ourém, 50\$; Lídia Fernandes de S. João da Madeira, 20\$; Luiz Sousa Simões de V. N. de Ourém pagou 2 anos, 50\$; Helena Simões Alves Vieira de Coimbra, 20\$; Teodoro da Silva Santos do Pôrto, 20\$; Rodolfo Barroca do Pôrto, 30\$; João Abrantes Ferreira de Penafiel, 30\$; António de Sousa Neves de Rio Tinto, 30\$; João António da Silva Saraiva de Seia pagou 1 trimestre, 10\$; Ana Emilia de Sousa Botelho do Pôrto, 50\$; Manuel Rodrigues da Silva Veiga de Alcanena, 40\$; Dr. Armando Ramos Fontainhas de Monção, 50\$; Dr. Joaquim Alves Martins de Santarém, 20\$; António de Melo de Lisboa, 20\$; Rafael de Freitas de Alvaizere, 50\$; Henrique de Mesquita de Coimbra, 40\$; P.º Francisco da Fonseca Antunes de Figueira da Foz, 50\$00.

Das coisas que aconteceram com a venda do jornal

Júlio e Porto fizeram praça em Espinho. Aquele vendeu 150 jornais, trouxe um par botas e dois de peúgas e dois lenços, tudo em fôlha, do senhor que lhe deu de jantar. Trouxe duas assinaturas. Vendeu três colecções de «Pão dos Pobres» e tomou encomenda de um primeiro volume que logo expediu. Trouxe 104 escudos de acréscimos. Foi o az do dia. O Porto vendeu 150 jornais e vendeu três colecções de livros *Pão dos Pobres* e 102\$50 de acréscimos. Vinha muito contente com o almoço que lhe ofereceram. Comprou um brinquedo para êle e outro para o nosso Toneca. Trazia uma data de chocolates, que dividiu em casa pelos mais pequeninos. Se não fôsse o Júlio, era o Porto o az, assim, ficou em rei.

O Amadeu vendeu no Porto e fez praça na Brazileira. Trouxe assinatura, vendeu uma colecção de livros, deu cinco senhas de comida a outros tantos farrapões e trouxe 32\$ de acréscimos.

O Oscar deu 10\$ à sua mãe, deu cinco refeições da Legião, vendeu uma colecção de *Pão dos Pobres*, trouxe um lindo terço e linda carta de um amigo, vendeu 96 jornais e recebeu 27\$50 de acréscimos. Fez queixas amargas do João, que lhe pretende roubar fregueses.

O João vendeu 94 jornais, trouxe um assinante, deu cinco senhas a outros tantos pobres, entregou 14\$ de acréscimos e pediu autorização para dar alguma coisinha à sua mãe, *que é muito pobrezinha*, como êle informou. Sim, senhor. Pode dar alguma coisinha à sua mãe; porque não?!

O Augusto, deu cinco senhas, vendeu uma colecção de livros, vendeu 96 jornais e trouxe de acréscimos 29\$40. Isto passou-se em Espinho e no Porto.

Agora vamos narrar os factos de Paredes e de Entre-os-Rios.

Amadeu e Oscar venderam naquela vila, onde também deixaram alguns livros. Trouxeram assinaturas. Trouxeram acréscimos. Trouxeram saúdaes e deixaram saúdaes.

Júlio e Augusto venderam naquelas termas duzentos *Gaiatos*, venderam muitos livros, trouxeram infinitos acréscimos, algumas dezenas de assinantes e jantaram no hotel, a convite de um Senhor.

Isto passou-se tal-qual, aos 3 dias idos de Setembro da era em que estamos.

PERDIDO

Graças aos bons officios do Senhor Abade de Parada de Todôa, sabe-se que o Daniel nasceu naquela terra e não em Baltar, como dizia.

Mais se descobriu que tem 3 irmãos «por lá». Que o pai não faz caso. Que a mãe foi para Lisboa.

E como há bons que vêm por males, segue-se que o pequenino Daniel, agora o «meu Daniel», vem ajudar a construir a nossa «aldeia», muito mais com a sua presença do que com o seu esforço. Muito obrigado, senhor Abade de Parada, por me ter auxiliado a encontrar o perdido.

Da que nós necessitamos

Necessitamos de muitos leitores do jornal. Queremo-lo marejado de lágrimas à maneira que vais lendo, sinal certo de que houve compreensão; nem há olhos que melhor vejam as coisas, do que os marejados!

Mais 20\$ no combóio, mais um pacote de coisas preciosas para o Augusto. Mais 2 quilos de café. Mais no *Depósito* uma grande meia dúzia de pulovers de magnífica lã,—a nostra do inverno. Mais 400\$ da Murtosa, fruto de uma subscrição. Mais esta carta:

Meu Padre

Deus deu-me a ventura de possuir uma meia dúzia de galinhas e de sobejarem alguns ovos do consumo de minha casa.

Resolvi que este excedente fôsse inteiramente para os seus... e vá lá, permita-me, nossos filhos da rua e hoje promessas tão queridas a Deus de bons cristãos.

Mas como estou muito longe da sua aldeia e êles aí difficilmente chegariam inteiros, tenho-os vendido e o papel moeda que junto são a sua transformação, integral.

*Continuarei a dar-lhe contas dos meus, ou por outra, seus ovos e pedindo a Deus lhe prolongue a vida para nos continuar a envergonhar da nossa mesquinhez e egoísmo e a salvar mais almitas da rua, *lhe digo adeus por hoje, pedindo-lhe (já viu, meu padre, alguém que desse sem nada pedir em troca?) a graça de sua benção para meus queridos filhos.**

Mais prendas de anos para o Augusto. Mais 50\$ de um visitante. Mais 20\$ da mesma sorte. Mais 100\$ em sufrágio de uma Defunta de Paço-de-Sousa. Mais um recadinho aqui no hotel de S. Vicente que me aqueceu as algiveiras. Mais 120\$ de «O Comércio do Pôrto». Mais 50\$ de um visitante e mais outro tanto idem e mais 20\$ de um outro. Mais no *Depósito* 50 pratos de porcelana. Mais de Lisboa um pacote roupas. Mais roupas. Nós temos *cem* catraios à nossa conta. Esses fatos arrumados aí em casa, fora de uso, são dêles. Mais de um armazém de Vila Nova de Ourém 20 pulovers, *podendo v. contar com a nossa firma para tudo quanto nos seja possível.*

Se lhe é possível amar, meu senhor, tudo o mais é consequência do amor. Quem não ama, não tem vida. Quantas vezes não vê a gente nas ofertas mais insignificantes, grandes faúlhas de amor!

Mais um quarto de hora escondido dentro da cabine da praia de Espinho a falar para a rua. Dizem que as «estrêlas» de Hollywood vendem as suas horas por sômas fabulosas. Eu não sou estrêla nem vendo horas; dou a vida. Em paga, passa uma grande bicha de mulheres, de homens e de crianças com suas ofertas. A primeira foi a de um farrapãozinho dos de Espinho, da massa dos meus, o qual me entregou dois tostões. Durante vinte minutos vi semblantes comovidos à porta da cabine, como se fôsse peregrinos dos lugares santos—*tome padre!*

Um bilhete inteiro da lotaria, o número 6300. Uma cautela 27817. Uma data de assinaturas, e quatro contos e quê, fragmentados em pequeninas unidades.

Mais 20\$ nas ruas do Pôrto; Mais 50\$ idem. Mais 500\$ na Casa Nun'Alvares. Mais 20\$00 de um visitante, mais 50\$00 dos Empregados da Vacuum do Pôrto. Mais uma viagem à Praia da Granja, em hora muito feliz. Todos os anos ali tenho a palavra, que se prende no coração dos ouvintes. Trouxe alguns assinantes e quatro contos e trezentos escudos. Mais 20\$00 de um *Tripeiro* para a nossa conferência, mais de um pequenino grupo de visitantes 20\$00 e 20\$00 e 10\$00 e 5\$00 e 5\$00. Todos quizeram dar uma pedra para as obras. As pirâmides do Egipto, são feitas de blocos e os rios, de gotas!

Mais 50\$00 de Oliveira do Hospital, mais 20\$00 de Espinho, para as *alminhas* da nossa aldeia, mais 100\$00 de Tortozendo, mais esta carta, onde falam uns 19 anos prometedores:

Essa obra é digna de ser auxiliada sem mostrarmos um só momento de cansaço.

E' em socorro dessas almitas contaminadas pelo mal, que um dia mais tarde poderiam ser homens perigosos.

Tenho 19 anos, e vejo o quanto é necessário auxiliar.

Se todos o auxiliassem, poderia V. libertar do mau caminho, essas crianças, que muitas vezes possuem bons corações.

Envio a quantia de quarenta escudos e um abraço para o «Periquito» e Deus queira que ele seja um bom rapaz no futuro.

Mais um pacote de roupas e doces de Lisboa, para o Pereira mais 100\$ de Espinho, mais 50\$ no depósito; mais idem no mesmo lugar para a nossa Conferência; mais 20\$ na rua com o mesmo destino e mais nada.

OBRA DA RUA

Um segue o ensino superior. Esta mancebo, o mais distinto do seu curso, vale a Obra. Foi do Reformatório de Caxias.

Impõe-se à comunidade, amorosamente.

Já foi êle mesmo a Lisboa, retirar das ruas, perdidos, dois dos seus irmãos, que são actualmente membros das Casas do Gaiato.

CAPÍTULO IV

Casa Pia de Paço de Sousa

Casa Pia de Paço de Sousa, é o nome da primitiva fundação que vem de 1870. O testador deixou ficar cerca e convento, terras de mato e lenha, inscrições no valor de sete mil libras esterlinas, tudo para uma obra de beneficência a favor de rapazes e de raparigas.

A Casa do Gaiato do Pôrto, é hoje a obra detentora da antiga fundação e propõe-se respeitar amplamente a vontade do fundador. Para isso, deixou-se ficar de pé, a parte do convento, onde as chamas do incêndio não tocaram e nêle fizeram-se obras indispensáveis ao actual organismo de assistência, que não perde nome nem tradição, nem finalidade.

Vai-se instalar um dispensário, uma farmácia. O médico passa a dar medicamentos aos pobres em vez de receitas. Há uma visitadora, um enfermeiro. O amparo rural à velhice, à doença, à invalidez, à grávida.

Temos escola de enfermagem para o gaiato que mostrar qualidades; escola de humanidade, para os que forem mandados a visitar o pobre.

Nas nossas aldeias não há, por enquanto, frequência de casos de miséria moral. Aparecendo, o filho dessas famílias, tem entrada na Casa do Gaiato ao pé dos da sua igualha. Quanto a casos de pobreza, são remediados na seio da família, com o subsídio. Não se retira o filho de casa; ajudam-se os pais. E assim fazemos bem feito o Bem que o testador quis fazer ao povo da sua terra natal.

Caridade

ACTA N.º 2

No dia 2 de Setembro fomos visitar os nossos pobres que aqui à pouco falamos.

O de Bairros não estava lá e nós não pudemos ver do que êle precisava.

O de S. Lourenço continua na mesma, e, precisa de talheres para comer porque só tem um garfo.

O do lugar do Assento que continua na mesma doente, e parece a não durar muito tempo. Vamos comprar o colchão para este doente.

Já temos bemfeitores que dão a sua cota mensal ou anual, como por exemplo:

Snr. Manuel Cunha, 100\$00 por ano; Snr. Carlos Cunha, 100\$00 por ano; Snr. Angelo Marcos, 5\$00 por mês.

Precisamos de mais bemfeitores que dêem alguma coisa para comprar o que fôr preciso.

Um visitante também deu 10\$00 ao Tesoureiro. Já temos na caixa um saldo de 35\$00.

Precisamos de mais dinheiro para comprar grande porção de batatas que são agora mais

em conta, e termos fatura para os nossos pobres.

Se ajuntarmos dinheiro para isso comprar-las-hemos e guardamos-as no nosso celeiro para darmos aos pobres.

O Secretário,

José Eduardo

Não acredito que os leitores fiquem indiferentes ao apêlo do pequenino secretário dos nossos visitantes do Pobre. Se lhes não fazes o gosto da sua reserva de batatas e de feijão, que agora se podem obter para futuras distribuições, é que não compreendes a grandeza transcendente dos desejos destas crianças. Estropeados de ontem, êles querem ser curados como o coxo da Piscina de Betsaida. Se tu fôres para êles, hoje, o que foi Jesus para aquêle, *naquete tempo*, terás feito obra divina. Que êstes abandonados dos caminhos não tenham ocasião de dizer—*não tenho homem que me ajude*, como se ouviu ao coxo do Evangelho; agora, que êles estão em boas condições de cura! Eu sôsinho não posso. E' tempo de levantar a mão; sustar a marcha da miséria social; renunciar à triste herança das gerações passadas; meter ombros, fazer músculo, erguer do chão, tirar dos cárceres públicos êstes inocentes, colocá-los em condições de darem a seus filhos melhor sorte do que receberam de seus pais. Mas isto é obra de todos—*Todos*. Ora para tudo isto, não há nada como despertar neles sentimentos de bondade. Ouve e atende a voz do José Eduardo!

CARTA DE LISBOA

A CASA DO ARDINA

Nem sei o que te diga, «Gaiato» amigo, sobre o nosso silêncio...

Não julgues que... morremos; antes pelo contrário. Vida não nos falta, graças a Deus, e daquela que nos faz esperar seja para... sempre, sempre... A «Obra do Ardina» viverá séculos e séculos... muitos anos e bons!...

Aos ardinas de hoje suceder-se-ão os de amanhã. Estes de agora, tornar-se-ão homens, homens de bem, e serão «eles mesmos» que continuarão a «Obra do Ardina» junto dos ardinas futuros...

Serão eles que edificarão mais... «Casas do Ardina», ampliando e alargando uma obra que é tão déles e adubada pela generosidade e renúncia de tantas almas de boa-vontade...

Bem-hajas ardina que sabes compreender e ajudar a tua «Casa»!...

Bem-hajas «Gaiato» amigo, por nos concederes a tua leal e sincera amizade!...

Bem-hajam todos quantos vêm ajudando o ardina a construir e edificar a Obra, onde éle mesmo há-de ser trabalhado, burilado, para se tornar um dos melhores «homens de amanhã»!...

Demos graças ao Senhor por tantas generosidades que soube suscitar nuns e noutros, enchendo os nossos corações Noelistas de consolação e alegria!...

E queres saber como foi conseguida a «Colónia de Férias da Casa do Ardina»?

No principio de Julho, sem o dinheiro para o sustento da «Casa», ainda tínhamos... E a 8 de Agosto, partíamos alegremente para a Paredé...

O milagre explica-se, ao lêr-se o «Livro de Registo de Donativos»...

E assim, tivemos no mês de Julho:

1 amicto, 1 saco, 20\$, 1 livro, 100\$, 2\$, 5\$, pão, sabão, outro livro, 3 litros azeite, 3 quilos feijão, 6 de arroz, mais 3 de feijão, 1 de bacalhau, 2 queijos, 28 latas de conserva, uma caixa de manteiga, 2 de marmelada, 260\$, chocolates, 20\$, 1 fato de banho e 1 toalha, mais 2 latas de conserva, 1 quilo de bacalhau, 1 de farinha, 1 e meio de sabão, mais um litro de azeite, 4 quilos de bacalhau, 2 fatos de banho, 20\$, 100\$, 102\$, 1.000\$, e outro 1.000\$, 200\$, e 200\$, 50\$, 4 quilos de farinha, 20\$, 2\$, 50\$, mais 5 litros de azeite, 20\$, 120\$, 50\$, 100\$, 10 litros de azeite, com bilha e tudo, 100\$, 275\$, 4 nappers, 1 fato de banho, 100\$, 20\$, 600\$, 50\$, 200\$, 50\$, 60\$, 17\$, 50\$, 100\$, e 100\$, mais 5\$, uma réstea de cebolas e 20\$, 100\$, 5.000\$00!!... 62\$, 42 maçãs, e 119 pêras...

Gastamos 3.750\$; e o «resto» foi juntar-se ao que recebemos em Agosto e foi: 250\$, 25\$, 15\$, 50\$, 60\$, e 150\$, 11 quilos de massa, 10 de feijão branco, 5 de bacalhau, 4 de farinha, 10 de feijão catarino, 4,5 de banha, 20\$, e 20\$, 500\$, 5\$, 20\$, uma caixa de chouriços, 500\$, 15\$, 5 potes de mel, 50\$, 100\$, 4 melões, Flores, medicamentos, Bolos, muitos bolos, 1 fato de banho, 100\$, 20\$, mais bolos e rebuçados, 20\$, 50\$, e 50\$, outro fato de banho, 50\$, fruta e rebuçados, 600\$, uvas, e pêssegos, pão, pêras, mais bolos, 1.491\$, e mais rebuçados, outro

UMA HISTORIA

Era uma vez em Coimbra, dentro de uma casa de muitos andares e de muitos moradores, cada um em seu quarto do tamanho de caixas de fósforos, o qual aposento serve de sala-de-estar, quarto de dormir, cozinha e o mais. Eu sabia da vida de um casal em um desses quartos. A luz dava por uma nesga. O marido caíra de cama e a mulher, cansada de procurar o sustento da família, também caíu e morreu!

Deviam ser umas nove horas, em uma tarde de Julho, daquele ano. Entrei. Havia ais aflitos da criancinha, então de 7 meses. Quis saber a causa dos gemidos, acendi um fósforo. O pai estava a dar-lhe papas de leite, mas por causa da escuridão que fazia, enfiava a colher nas orelhas, julgando fazê-lo na tóca! Daí os gritos.



O A e o Z do nosso alfabeto

Tomei a criancinha nos meus braços, coloquei-a na Rua da Trindade, onde por muito tempo foi o ai Jesus dos Pupilos do Lar. Aqui se mostra hoje o meu pequenino Rui, ao pé do mais velho do Lar, em esperas de partir para a Casa do Gaiato, onde também vai ser ai Jesus, por causa da idade que tem. E' o nosso mais pequenino.

O Pai, continua doente, na cama. —Dou-lhe o meu filho.

Fêz-me essa declaração solene, num dia em que as dores eram maiores.

—O Rui é seu, disse.

As dores, geram dores. Há obras que se não compreendem sem se haver sofrido muito. Eu trago comigo, no meu peito, a dor que o Pai sofre com a ausência do seu filho! Sempre que o pequenino corre para mim, vem esta suave amargura fazer sangue, valorizar a obra, chamar por quem ajude.

fato de banho, 20\$, uvas, bananas, maçãs, 100\$, medalhas, Bolos, e colher para a manteiga, 14\$, 5\$, 100\$, maçãs, uvas, nozes, e 100\$, uvas e bananas, 20\$, 50\$, 100\$, 50\$00...

Tudo isto nos foi entregue ou mandado. Vieram «migalhinhas» de todos os pontos de Portugal a animarem-nos e aos ardinas a que continuemos, como até hoje:

A Sonhar...

E a... esperar!...

MARIA LUISA

A prece ergue um lar para crianças

Um Senhor que não disse o nome, quis ser gentil para com a Obra da Rua, a pontos de enviar, tirado do Reader's Digest, o artigo que segue. Já se sabia em Portugal que dois e dois são quatro; que as leis da natureza, quais as da Graça, são eternas; que as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, que todos os homens que se atreverem a sair do risco, estão naturalmente expostos a grandes trabalhos e a grandes emoções; e também a realizar grandes feitos. E' da história. E' curioso notar-se que se trata de um pastor evangélico.

JOHN KLINGBERG nunca pediu um centavo a quem quer que fôsse; entretanto, o que o povo lhe tem dado, nestes últimos anos, orça por quasi dois milhões de dólares. Além propriamente de dinheiro, chegaram-lhe às mãos donativos de toda a natureza, desde toneladas de roupa, até um carro carregado de batatas, ou uma boa vaca leiteira, e o feno preciso para alimentá-la. Sua correspondência postal é um milagre, sempre renovado, de dinheiro a correr ao seu encontro, dos 48 estados da União, na importância de mil dólares, em média, por semana.

Tais factos representam, ao que éle diz, «tratos diários com Deus». Há cerca de quatro décadas, quando era John Klingberg um obscuro sacerdote, a serviço de uma modesta congregação, ocorreu-lhe a idéia de fundar uma casa para órfãos. Fêz então um voto solene: o de que jamais pediria fôsse o que fôsse, a ninguém falaria sobre o de que precisasse; confiaria exclusivamente o seu plano, a sorte da sua obra, à oração e à fé.

E assim tem sido, rigorosamente. Sem embargo, partindo de nada, erigiu um dos mais belos orfanatos que hoje há nos Estados Unidos. Seus edifícios, avaliados em meio milhão de dólares, erguem-se numa bela quinta, de mais de 160 mil metros quadrados, na mais alta colina de New Britain, no estado de Connecticut. E não deve um centil a ninguém!

A casa não tem ligações com qualquer igreja ou organização. O que há mais próximo de patrocínio, a velar pela sua existência, é o cordial interesse dos companheiros de sacerdócio de Klingberg na Igreja Baptista Suéca, os quais, testemunhas que têm sido daquela perfeita e cândida confiança na prece, se sentiriam naturalmente propensos a divulgar o caso.

Todo material impresso que Klingberg distribue é um simples folheto registando os donativos ainda os mais humildes. Nomes porém, não são mencionados. Absolutamente nenhum. «Não desejamos receber contribuição de ninguém que vise pôr-se em evidência», decidiu éle, ao iniciar a jornada. Lêm-se então no registo palavras como estas: «Amigos de New Sweden e outras localidades do Maine enviaram-nos de novo um carregamento de batatas»; «doze alqueires de nabos e couves, de Bristol, Connecticut»; «onze aventais, e quatro latas de sopa, de Alcester, S. D.». Um dos óbolos fêz-se acompanhar da explicação: «Isto é o dinheiro dos ovos que as minhas galinhas puseram no domingo».

Não é raro que gente, na rua, dê dinheiro, em mão, a Klingberg; como também é frequente ver-se consignado no folheto: «Encontraram-se 5 dólares no chão da secretaria. Alguém muito provavelmente meteu-os por baixo da porta».

De tempos a tempos, registam-se donativos de maior vulto. Houve um de 25 mil dólares, para ser usado nos serviços de «aquecimento dos órfãos». O director de um grande banco—homem que éle nunca tinha visto—deixou a Klingberg, no seu testamento, 50 mil dólares. «Hei-de esforçar-me por fazer dêste orfanato o melhor do país», disse o bom padre ao filho do banqueiro. «O senhor já o fêz», respondeu-lhe o rapaz. «Papá tomava as coisas muito a sério; posto que nunca houvesse tido com o senhor o mínimo contacto, submeteu contudo a sua obra a investigações completas».

O primeiro passo para a fundação do Orfanato foi produto de um impulso, já se vê que sagrado. Um polícia dirigiu-se, certa noite, a um jovem sacerdote, e contou-lhe que três criancinhas, abandonadas, pela mãe, estavam sós e famintas, numa pocilga lá para os fins da cidade. «Vesti a criaturinhas», narra Klingberg, e trouxe-as para casa.

A cidade não tardou a saber que o pastor tomara a seu cargo aquêles entesinhos ao abandono. Muitas ofertas de ajuda começaram a surgir. Um homem fê-lo parar na rua, e prometeu-lhe uma casa grande, ao preço de dez dólares por mês.

Aumentados assim os seus recursos, foram vindos outras crianças, que eram tôdas recebidas de braços abertos. Dentro de um ano, subia a 18 a número de abandonados e órfãos acolhidos à sombra de Klingberg, na sua própria casa.

A principio—éle mesmo o confessava—não lhe faltaram momentos de certo receio ou dúvida. Mas logo a fé lhe redobrava o ânimo. Quando amigos o aconselhavam a ser «prático», e pedir contribuições, apressava-se em responder: «Se a minha empresa não é bastante boa para que Deus a proteja, então será melhor abandoná-la». E aos que lhe diziam que seria mais ajudado, se fôsse mais cuidadoso quanto à espécie de criança a que se consagrasse, replicava firmemente: «Minha casa está aberta a crianças de tôdas as raças e credos; só o que me basta saber é que necessitam de socorro».

Vivia realmente ao Deus dará. Uma vez, não tendo no bolso um níquel, e devendo entretanto pagar, naquele dia, os dez dólares de aluguer mensal da casa, ia andando acima e abaixo, na rua principal, a rezar em silêncio. «Um desconhecido deu-me cinco dólares, e outro, dez», refere Klingberg, ainda hoje comovido.

Chegou um domingo em que pareceu que as crianças iam ver-se afinal reduzidas a não ter que comer. O padre ajoelhou-se.

Continua no próximo número.

REDACÇÃO

Casa

P A C

GA

A

tão de

de out

Tud

no alt

da M

camin

Já as

nho;

levar

disse

prende

nos ca

é o te

por or

cia, p

sómen

Mã

corpo

sas o,

—o S

cristã

fome

dá; q

daque

dar p

os es

que p

oferec

disse

tambe

Pai

Trata

grada

Ou

de ro

peito.

Oh p

tinho

Fig

Crec

de bi

que t

ninos

mane

Un

já es

reuni

man

tro, t

Banc

Zelle

um v

no P

da s

zelle

nas

van

Port

tem

Tr

casa

enve